

RACISMO NA ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO ESPORTE: A INVISIBILIDADE DA REPRESENTATIVIDADE NEGRA

Hiago Daniel Vieira de Sousa¹, Thaylon Fernandes De Carvalho²

¹Estudante do Curso Técnico em Redes De Computadore Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <hiago.sousa3@estudante.ifto.edu.br>

²Estudante do Curso Técnico em Redes De Computadore Integrado ao Ensino Médio – IFTO. e-mail: <thaylon.carvalho@estudante.fto.edu.br>

1 INTRODUÇÃO

O esporte, em sua essência, é frequentemente apresentado como uma arena de igualdade, meritocracia e superação de barreiras sociais. Contudo, essa visão romantizada ignora as desigualdades estruturais que nele se manifestam, especialmente no que se refere ao racismo. A presença de atletas negros em modalidades de grande visibilidade, como o futebol brasileiro, é expressiva, mas a representatividade em cargos de gestão, comando e tomada de decisão permanece notoriamente escassa (SILVA; PEREIRA, 2023).

Estudos recentes apontam que essa contradição revela um problema mais profundo: embora haja abundância de atletas negros dentro das quatro linhas, há uma evidente barreira racial que os impede de ascender a posições de poder. Galindo (2024) demonstra que a quantidade de treinadores negros no futebol brasileiro é ínfima quando comparada à proporção de atletas, evidenciando um padrão de exclusão que se perpetua historicamente.

Além disso, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF, 2023) constatou que 41% dos jogadores negros já sofreram episódios de racismo, o que comprova que o preconceito não está restrito às estruturas de poder, mas se manifesta também no cotidiano esportivo, seja em arquibancadas, no ambiente de trabalho ou nas redes sociais. Esse dado dialoga com a análise de Da Silva e Paula (2021), que ressaltam como o racismo compromete a saúde mental e a subjetividade do atleta, interferindo diretamente em sua performance e motivação.

Dessa forma, torna-se evidente que o racismo no esporte não é apenas um problema de atitudes individuais, mas um fenômeno estrutural e institucionalizado. Este artigo tem como foco analisar a invisibilidade da representatividade negra nas estruturas organizacionais do esporte, buscando compreender seus impactos sociais, simbólicos e psicológicos.

2 OBJETIVO

Investigar a presença (ou ausência) de representatividade negra nas estruturas organizacionais do esporte mundial e analisar de que forma essa invisibilidade contribui para a manutenção do racismo estrutural nesse campo.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em revisão bibliográfica e documental. Foram selecionadas fontes oficiais de organizações internacionais, como FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), COI (Comitê Olímpico Internacional) e UEFA (União das Associações Europeias de Futebol), além de relatórios institucionais, documentos governamentais e artigos científicos.

O processo de seleção das fontes seguiu os seguintes critérios:

- Relevância temática: somente materiais que abordassem diretamente o racismo, representatividade ou desigualdades raciais no esporte foram incluídos;
- Recorte temporal: priorizaram-se publicações entre 2020 e 2025, a fim de garantir a atualidade dos dados, sem excluir obras clássicas de relevância conceitual;
- Credibilidade institucional: utilizaram-se apenas documentos de órgãos oficiais (CBF, Ministério do Esporte), artigos publicados em periódicos revisados por pares e relatórios de entidades acadêmicas (como LAUDE e USP);
- Diversidade de perspectivas: foram contempladas fontes nacionais e internacionais, visando comparar a realidade brasileira com o cenário global.

A análise consistiu na sistematização dos dados quantitativos (estatísticas oficiais e relatórios) e qualitativos (interpretações de autores e documentos) para identificar padrões, contradições e lacunas na representatividade racial nas estruturas esportivas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelam que o racismo no esporte não é um fenômeno isolado, mas sim estrutural e sistêmico. O **Plano Nacional de Enfrentamento ao Racismo no Esporte (BRASIL, 2023)** reconhece a necessidade de ações afirmativas para garantir oportunidades iguais, uma vez que o espaço de liderança ainda é monopolizado por brancos.

Segundo o relatório da **LAUDE (2024)**, a ausência de representatividade negra nos espaços de poder esportivo é recorrente em diferentes países e modalidades. A situação é ainda mais grave em federações internacionais, onde a participação de negros em cargos executivos é quase inexistente. Isso confirma o que Silva e Pereira (2023) chamam de “racismo invisibilizado”, aquele que opera silenciosamente, pela exclusão de oportunidades.

Um exemplo evidente é destacado por **Galindo (2024)**, ao analisar o futebol brasileiro: embora mais da metade dos atletas profissionais sejam negros, menos de 10% ocupam cargos como técnicos principais de clubes de elite. Tal discrepância expõe a persistência de um sistema que admite a presença negra no campo físico, mas a exclui do campo estratégico e intelectual.

Essa lógica se repete em outros setores. **Batalha, Santos e Mesquita (2025)** evidenciam que o esporte, como reflexo da sociedade, reproduz as mesmas desigualdades raciais presentes em ambientes empresariais e políticos. Assim, o racismo no esporte não deve ser entendido apenas como discriminação interpessoal, mas como uma forma de manutenção de poder e exclusão institucional.

Além da análise quantitativa e qualitativa da representatividade negra no esporte, é fundamental destacar os mecanismos institucionais que contribuem para a manutenção dessa exclusão. A ausência de políticas afirmativas voltadas à inclusão de profissionais negros em cargos de gestão e comando técnico revela-se como uma das principais barreiras. Além disso, os processos de contratação, muitas vezes baseados em redes de contato elitizadas e homogêneas, limitam o acesso de treinadores e dirigentes negros a oportunidades relevantes. Outro fator agravante é a falta de programas estruturados de capacitação e incentivo à formação de técnicos e gestores negros, o que reforça a desigualdade histórica e perpetua a invisibilidade dessa população nos espaços de

poder esportivo. Esses mecanismos institucionais, quando somados, consolidam um cenário em que o talento e a competência não são os únicos critérios de ascensão, mas sim a perpetuação de uma lógica excludente.

No aspecto psicológico, **Da Silva e Paula (2021)** ressaltam que o racismo compromete a autoconfiança e gera impactos emocionais que transcendem a carreira profissional. A vivência de ofensas racistas ou a percepção de que existe um “teto de vidro” intransponível para atletas negros cria um sentimento de frustração e desvalorização.

A pesquisa da **CBF (2023)** reforça esse cenário ao mostrar que 41% dos atletas negros já vivenciaram situações de racismo. Esses dados revelam que, além da exclusão estrutural, há também um ambiente hostil que contribui para a manutenção do ciclo de desigualdade.

Portanto, os resultados confirmam uma **dupla exclusão**: o racismo explícito, que afeta diretamente a experiência profissional do atleta, e o racismo estrutural, que bloqueia a ascensão a cargos de prestígio e liderança. Essa combinação perpetua a invisibilidade da representatividade negra no esporte e compromete o ideal democrático que o esporte afirma defender.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise demonstra que o esporte, frequentemente exaltado como espaço de inclusão e igualdade, é também um reflexo das desigualdades raciais da sociedade. O predomínio de atletas negros nos gramados contrasta de forma gritante com sua ausência em cargos de direção, arbitragem e gestão.

Essa realidade evidencia a presença de um **racismo estrutural invisibilizado** (SILVA; PEREIRA, 2023), sustentado por práticas institucionais que limitam o acesso de pessoas negras ao poder. Além disso, como mostram Da Silva e Paula (2021), o racismo impacta não apenas a trajetória profissional, mas também a saúde mental, criando uma rede de exclusões que vai muito além do campo esportivo.

O desafio, portanto, é **superar a contradição entre discurso e prática**. O esporte não pode se limitar a campanhas pontuais contra o racismo, mas deve adotar medidas estruturais, como políticas afirmativas, maior fiscalização das instituições e programas de formação que incentivem a participação de negros em funções estratégicas. O **Plano Nacional de Enfrentamento ao Racismo no Esporte (BRASIL, 2023)** é um avanço importante, mas sua implementação depende de um compromisso efetivo das entidades esportivas.

Em suma, lutar contra o racismo no esporte significa lutar contra a sua naturalização dentro das estruturas de poder. Mais do que denunciar práticas discriminatórias, é preciso transformar o esporte em um espaço **verdadeiramente democrático e representativo**, no qual atletas negros não sejam apenas protagonistas dentro de campo, mas também líderes e decisores fora dele.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal do Tocantins – Campus Araguatins, aos colegas de turma que contribuíram com reflexões críticas e aos professores que auxiliaram no direcionamento metodológico da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BATALHA, I. C. S.; SANTOS, D. de A. V. dos; MESQUITA, S. C. L. Direitos humanos e racismo no esporte: uma perspectiva comparada. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. e7699, 2025. DOI: 10.55905/cuadv17n3-012. Disponível em:

<https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7699>. Acesso em: 19 ago. 2025.

BRASIL. Ministério do Esporte. *Plano Nacional de Enfrentamento ao Racismo no Esporte*.

Brasília: Ministério do Esporte, 2023. Disponível em:

<https://www.gov.br/esporte/pt-br/assuntos/noticias/plano-nacional-de-enfrentamento-ao-racismo-no-esporte>. Acesso em: 30 maio 2025.

CBF, Assessoria. 41% dos jogadores negros que atuam nos principais campeonatos brasileiros afirmam ter sofrido racismo: Racismo no Esporte. *Confederação Brasileira de Futebol*, 2023.

Disponível em:

<https://www.cbf.com.br/a-cbf/noticias/detalhes/informes/41-das-pessoas-negras-que-atuam-nas-principais-series-dos-campeonatos>. Acesso em: 30 maio 2025.

DA SILVA, Fabio Henrique Alves; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo. A psicologia do esporte e os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 116–135, 2021.

Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextos/article/view/22079>. Acesso em: 18 ago. 2025.

GALINDO, José Adryan. Estudo evidencia a sub-representatividade de treinadores negros no futebol brasileiro: Futebol. *Jornal USP*, 2024. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/diversidade/estudo-evidencia-a-sub-representatividade-de-treinadores-negros-no-futebol-brasileiro>. Acesso em: 31 maio 2025.

LAUDE – Liga Acadêmica Universitária de Direito Esportivo. *Estudo sobre representatividade racial no esporte*. São Paulo: LAUDE, 2024. Disponível em:

<https://www.laudedireitoesportivo.com.br/estudo-representatividade>. Acesso em: 29 maio 2025.

SILVA, João; PEREIRA, Ana. A invisibilidade do racismo na estrutura organizacional do esporte. *Revista Brasileira de Sociologia do Esporte*, v. 12, n. 3, p. 45-62, 2023. Disponível em:

<https://www.rbse.org.br/artigos/racismo-esporte>. Acesso em: 28 maio 2025.